

manos. Também Édipo não consegue fugir ao seu duplo, o parricida, por mais que tente evitá-lo. No fim, cega-se. De novo, o tema dos olhos e a sua ablação/castração.

Thérèse Delpèch comenta que Freud criou a psicanálise como um sucedâneo do judaísmo e ele seria o Moisés desta nova Lei. A regra da repetição é estranhamente familiar e cada paciente que, no divã, repete a história de Édipo. Se há um demônio dentro de nós, é esse mesmo, essa misteriosa força que nos leva a repetir uma e outra vez, entregues aos terrores primitivos que jazem no nosso inconsciente quais mortos-vivos caminhando meio cegos. 'À une époque où Vienne ne demanda qu'à oublier, Freud est l'homme du souvenir' (p. 182).

Na inquietante estranheza, tal como na tragédia grega, existe uma obsessão com a morte. A vitória de Thanatos sobre Eros é inevitável – por outras palavras, o triunfo do inorgânico sobre o orgânico. Sigmund Freud, sentado no cadeirão à cabeceira do divã (colocado à sua esquerda, por causa do ouvido), tinha diante dos seus olhos, no peito da estatueta de Atena, a cabeça da Medusa, aquela que não se podia olhar. 'Mas afinal, o que querem as mulheres?'

Em suma, trata-se de um livro muito interessante para quem se interessa por Freud e pela sua circunstância.

Clara Pracana

Pedro Luzes. 2011. *Ensaio Sobre as Perturbações do Pensamento em Clínica Psicanalítica*. Lisboa: Instituto de Psicanálise, Fenda Edições e Autor. 159 pp. ISBN: 978-989-603-045-2.

Este livro de Pedro Luzes é a tradução do seu Rapport ao XXIX Congresso de Psicanalistas de Línguas Românicas, intitulado *Les Troubles de la Pensée en Clinique Psychanalytique*, publicado na *Revue Française de Psychanalyse*, vol. 33 (5-6), 1969.

Pedro Luzes chama a nossa atenção para a importância das perturbações do pensamento, na teoria e na prática clínica psicanalítica, referindo a necessidade de analisarmos as características formais (e a sua origem) do pensamento que surge na relação do paciente com o analista. O pensamento como defesa torna a comunicação dos conteúdos difícil de ser entendida e analisada. Daí que, sem a sua análise, a comunicação permaneça perturbada (em maior ou menor grau, mediante o nível de distúrbio da organização e estruturação do pensamento) e pouco entendível, conduzindo ao insucesso terapêutico. Neste sentido, Pedro Luzes diz que: 'O pensamento [...] é o domínio principal que permite descobrir as comparações que se operam entre os diferentes mecanismos de defesa' (p. 86).

Sendo um trabalho publicado em 1969, já nessa altura Pedro Luzes escrevia: 'A amplitude do campo psicanalítico é tal, hoje em dia, que não podemos admitir senão a existência de realidades múltiplas e a possibilidade de as interpretar de diferentes formas' (p.115). Neste livro, o autor enriquece o seu escrito, abordando também o conhecimento, dos assuntos analisados, advindo de outras áreas não psicanalíticas, revelando-se um psicanalista culto.

Penso a importância do pensar o pen-

samento e as emoções como uma das pedras basilares da vida mental. Sem se pensar os pensamentos e as emoções, não daremos sentidos e objectivos às nossas vidas, não aprenderemos com a experiência e não teremos a possibilidade de nos expandirmos mentalmente. O conhecimento da gênese e evolução do pensar os pensamentos é fundamental para a atividade clínica, no sentido de o analista poder entender o paciente e ajudá-lo a entender-se e a entender o outro e o meio envolvente, levando-o a um uso mais pleno da 'função analisante' (segundo o conceito desenvolvido por Coimbra de Matos). Este processo é conseguido através das interpretações e vivência da transferência e contratransferência, e da nova relação promotora de saúde mental.

Segundo Pedro Luzes, 'O pensamento constrói-se para integrar e organizar o material das percepções, das representações investidas, dos afetos, das recordações, dos fantasmas' (p.116). As diferentes perturbações do pensamento refletem as diversas desorganizações do mundo interno, quer através dos conteúdos (variáveis de indivíduo para indivíduo), quer nas formas do pensamento (que caracterizam cada uma das várias psicopatologias). Estes modos vividos do pensar patológicos do paciente que lhe provocam sofrimento, perturbam-lhe as relações consigo próprio e com os outros e refletem-se na relação analítica.

Quanto às origens desse pensar patológico, Pedro Luzes escreve: 'A gênese das perturbações do pensamento depende de condições evolutivas especiais: dificuldades nas primeiras relações objectais, que tornam penosa a constituição dos elementos do pensamento; impossibilidade de tolerar a frustração ou a depressão; excesso de agressividade, de avidez,

conduzindo a sentimentos paranóides, com considerável dificuldade para efetuar a elaboração ideativa. Analisando as condições genéticas que condicionam as perturbações do pensamento e, ao mesmo tempo, estas últimas, permitir-se-á ao paciente aceitar melhor a sua realidade psíquica. Desta forma, diminuir-se-á a tendência para percepções internas erróneas e a formação de novos sintomas. Melhorarão os nossos resultados terapêuticos, assim como melhorará a nossa técnica' (p 34).

Relativamente às ideologias (sistemas religiosos, filosóficos, éticos, estéticos, políticos, as concepções do mundo e os ideais científicos), abordadas no penúltimo capítulo do livro, o autor diz que estas, muitas vezes, são perturbações do pensamento pela presença, nelas, de fantasmas inconscientes e de defesas (como o recalçamento e a formação reacional). Frequentemente, o paciente recusa a análise das suas ideologias, pois levá-lo-ia à privação de satisfações fantasmáticas e à necessidade de se adaptar a objetos mais reais, em vez de, por exemplo, fantasmas megalomaniacos projetados no outro (líder).

Quanto à linguagem e à sua relação com as perturbações do pensamento, no capítulo com que encerra o livro, Pedro Luzes escreve: 'A linguagem pertence aos sistemas económicos da elaboração psíquica. Mas, não pode ser assimilada nem confundida com o pensamento. Dos seus dois pólos, psíquico e motor, diferenciados por Ferdinand de Saussure (a língua e a palavra) o pólo motor [a palavra] parece ter um papel preponderante na organização primitiva do pensamento. Não se pode negar a importância fundamental da linguagem falada para a análise. Mas, em última instância, são os processos do pensamento e as relações objectais, de

que dependem, que constituem o objecto de estudo do analista' (p.151).

Este importante e pujante livro de Pedro Luzes, pelo qual tenho grande apreço, aborda de modo condensado temas complexos (as origens e a evolução do pensamento e as perturbações do pensamento na clínica psicanalítica) que exigem e merecem leitura atenta e elaborada, refletindo a sabedoria aprofundada do seu autor, advinda da elaboração do conhecimento teórico e da experiência da prática clínica.

Pedro Luzes, falecido recentemente (1927-2012) foi, e continua a ser, um dos vultos maiores da psicanálise portuguesa.

Mário Andrade dos Santos

Margarida Pocinho. 2012. *Metodologia de Investigação e Comunicação do Conhecimento Científico*. Lisboa: Lidel. 224 pp. ISBN: 978-972-7579-16-7.

Hoje, estamos cada vez mais longe do cenário que dominou até há relativamente pouco tempo, quando os manuais de metodologia de investigação eram numerosos, mas, em muitos casos, com pouca consequência prática, devido ao excesso de formalismo, redundância em relação ao que outros livros já tinham referido e, frequentemente, instrumentos e procedimentos estavam já obsoletos quando os livros eram lançados. Esta situação refletia também o facto de que os temas da matéria curricular, nas cadeiras de metodologia quantitativa e qualitativa nos cursos de licenciatura, não tornavam muito claro o seu lugar num processo de investigação propriamente dito, criando, assim, além

de tudo, um hiato entre a investigação e a sala de aula. Agora, o ensino da metodologia de investigação tem uma importância como nunca anteriormente, com a expansão da escolaridade de 2º e 3º ciclos, mas também porque a investigação científica constitui uma crescente exigência do mercado e da prática profissional, conforme a investigação não é mais apenas a província exclusiva da carreira académica.

Este livro de Margarida Pocinho responde, com grande sentido estratégico e visão contemporânea, à nova realidade, num livro que é para ser usado na sala de aula, mas, ao mesmo tempo, pelo investigador, mesmo um investigador treinado. A autora desenvolve esta perspectiva, do duplo ponto de vista da prática e da comunicação da investigação, correspondendo, respetivamente, às duas partes em que o livro é dividido: Etapas de uma Investigação (Parte I) e A Comunicação da Investigação (Parte II). Neste sentido, eu diria que a inspiração fundamental da autora é apresentar a relação entre a sintaxe e a semântica da investigação científica. Sintaticamente, Margarida Pocinho define e apresenta, com muito detalhe, o que considera os sete passos do processo de investigação: 1. Pergunta de partida ou problema de investigação. 2. A exploração. 3. A problemática. 4. A construção do modelo de análise. 5. A observação. 6. A análise das informações. 7. Discussão e conclusão. Neste processo, a metodologia quantitativa e a metodologia qualitativa seguem as mesmas exigências de sintaxe metodológica. Na segunda parte do livro, dedicado à semântica da investigação, Margarida Pocinho demonstra que, no conhecimento científico, a forma é muito importante para o conteúdo. O que está em causa é a estratégia como se comunica a investigação, porque, não obstante a garantia de rigor e validade